

INTERCULTURALIDADE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PRÁTICAS PARA A CONSTRUÇÃO DE UM FUTURO SUSTENTÁVEL

Grace Oliveira ¹
Giselle Larizzatti Agazzi ²

RESUMO

A abordagem contracolonial, de Nêgo Bispo, a ação anticolonial, de Ailton Krenak, as escolas vivas afirmadas por Cristine Takuá, formam o esteio a partir do qual nasceu a concepção do projeto “Oficina de meio ambiente”, desenvolvido em uma escola municipal, integral, da cidade de Santos/SP para estudantes dos anos iniciais do ensino fundamental. As práticas, dentro da perspectiva da interculturalidade crítica, buscam proporcionar aos estudantes vivências que lhes permitam se reconhecer como natureza, pensando nos impactos de suas ações – e de toda a sociedade - nos contextos em que estão inseridos. A desigualdade social e o racismo ambiental, que atravessam a história da comunidade escolar, estão na perspectiva das ações desenvolvidas, para que seja possível construir outros olhares, capazes de romper com visões cristalizadas historicamente. A comunicação oral, por meio do relato de experiência da educadora responsável pela “Oficina de meio ambiente”, pretende apresentar momentos dessa trajetória em que foi possível criar espaço-tempo para que as crianças refletissem sobre o meio ambiente ao se envolverem em diversas iniciativas. Dentre elas, serão destacadas a coleta do óleo como meio de renda para a comunidade escolar, de tampinhas de garrafas pets revertidas para a compra de cadeiras de roda, a construção de uma composteira para a diminuição do lixo da cozinha e a horta vertical como fruição da terra.

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade. Meio ambiente. Ensino.

INTRODUÇÃO

Na rede municipal de Santos, as escolas em tempo integral contam com aulas regulares no turno regular e atividades diferenciadas no contraturno, as quais ocorrem como oficinas, oferecendo aos alunos uma tarde de aprendizados diversificados e significativos. A Escola Municipal, localizada na cidade de Santos, litoral do Estado de São Paulo, é um exemplo da aplicação da educação em tempo integral. A unidade, de responsabilidade municipal, funciona das 7h às 17h, com um currículo que integra o ensino formal do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental com atividades da jornada ampliada.

¹ Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Metropolitana de Santos - SP, oliveiragrace42@gmail.com

² Professora da Universidade Metropolitana de Santos - SP, gisellelarizzattiagazzi@gmail.com



A estrutura curricular, meticulosamente planejada, é organizada em três eixos principais: Movimentos, Pedagógicos e Artes, cada um desenhado para potencializar as habilidades e talentos individuais dos estudantes.

No Eixo Movimentos, a escola oferece atividades como Jiu-Jitsu, Capoeira, Dança e Atletismo. Essas oficinas não apenas promovem a saúde física e o bem-estar, mas também estimulam a disciplina, a coordenação motora e o espírito de equipe, preparando os alunos para os desafios da vida em sociedade com confiança e resiliência.

O Eixo Pedagógico expande os horizontes do conhecimento para além da sala de aula formal. Através de oficinas como Laboratório de Saberes I e II, Parque Tecnológico, Meio Ambiente e Contação de Histórias, os estudantes são incentivados a explorar o mundo de forma investigativa e criativa. Eles desenvolvem o raciocínio lógico, a consciência crítica e a capacidade de resolver problemas, habilidades essenciais para a cidadania plena e ativa.

Já o Eixo Artes, com as oficinas de Teatro e Artes, oferece um espaço para a livre expressão e o desenvolvimento da sensibilidade. Os alunos têm a oportunidade de explorar sua criatividade, aprimorar a comunicação e construir a autoconfiança, aspectos fundamentais para a formação de um ser humano completo e emocionalmente inteligente.

Todos os educadores contratados para as oficinas participam ativamente do Currículo Santista, envolvendo-se em eventos como a Semana Mundial do Brincar, o Dia da Família e a Feira de Ciências. Essas atividades, supervisionadas pela Direção escolar, promovem a integração entre a comunidade escolar, o período letivo da manhã e reforçam o compromisso com uma educação que valoriza o desenvolvimento humano em todas as suas dimensões, confirmando o potencial transformador da Educação Integral.

Como estudante de Pedagogia, apresentei um portfólio que ia além das vivências acadêmicas. O material destacava minha conexão com a natureza, os saberes ancestrais da minha família e as práticas sustentáveis que faziam parte do meu cotidiano. Esse conjunto de experiências, que incluía o cultivo da terra, o contato com a natureza e a compostagem doméstica, demonstrou a força de uma educação que se aprende vivendo e que se alinha com o conceito de formação integral. Foi essa bagagem, conectada com a realidade social e ambiental, que garantiu minha contratação para o projeto.

A Oficina de Meio Ambiente demonstrou ser um eixo catalisador de transformação, transcendendo a sala de aula para impactar diretamente a comunidade. As iniciativas implementadas – a composteira de buraco, a horta de chão e vertical, a coleta de tampinhas plásticas e a coleta de óleo – não apenas alcançaram resultados ambientais



significativos, como a redução de resíduos destinados ao aterro e a proteção do ecossistema marinho, mas também cumpriram uma função social e pedagógica essencial, voltadas para a reflexão e a proposição de ações da comunidade mais sustentáveis. A inquietação de reconhecer a urgência de transformar como os estudantes se relacionam com a natureza moveu as terras que geraram a oficina de meio ambiente, uma vez que há urgência em desconstruir valores para dar espaço a outras visões de mundo. Proporcionar vivências para os estudantes que mostrem como pequenas ações geram resultados importantes foi o objetivo mais urgente da proposta desenvolvida.

REFERENCIAL TEÓRICO

A concepção de uma oficina de meio ambiente surgiu do corpo que as leituras de Bispo, Krenak e do exemplo das Escolas Vivas, mantidas pelo “Selvagem ciclo de estudos”, despertam. Ao propor atividades que possibilitassem refletir sobre temas como sustentabilidade e justiça ambiental, a oficina devia afirmar que a preservação ambiental está além da reciclagem ou do plantio de árvores. Como Krenak, Bispo e as Escolas Vivas, coordenadas por Cristine Takuá, nos mostram é que é urgente mudar a maneira com a qual nós nos relacionamos com a terra e com os saberes tradicionais.

Nosso trabalho é guiado pela visão de Paulo Freire, que nos adverte sobre a necessidade de criar ambientes educacionais de qualidade e trocas. Ao atuar como pontes para o conhecimento e o afeto, garantimos que os alunos não se sintam distantes de suas realidades, e, sim, engajados e apaixonados pela educação, a fim de que seja possível constituir uma rede de aprendizagem capaz de impactar o mundo. A partir do olhar de que é necessário construir maneiras de desenvolver redes de saber e comunidades aprendizes, a busca pelo reconhecimento de que a diversidade na sala de aula significa uma possibilidade de promover momentos ainda mais significativos para todos os envolvidos, a oficina promove momentos de prática e reflexão dos alunos, para que, juntos, provoquem as aprendizagens: "Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo." (Freire, **Pedagogia do Oprimido**, 1987, p.68). O nosso mundo, no chão da escola, está na observação do meio ambiente em toda a sua potência e em como ele se relaciona com a realidade de cada estudante.

A lógica capitalista, cuja estrutura predatória pressupõe a exploração da natureza além de seu limite, como afirma Krenak (2019), estreita as brechas para que seja possível



desenvolver uma sociedade que, ainda como quer o filósofo indígena, adie o fim do mundo. Apressando nossa autodestruição, a terra é vista como mercadoria e, nessa perspectiva, deve estar sempre disponível para os consumos mais abusivos da espécie humana. Dialogar com as turmas sobre o consumismo e sobre o valor real das mercadorias em contraposição ao da natureza é tarefa para todos os momentos em um mundo em que as pessoas são reconhecidas pelo que possuem materialmente. Mexer na terra, sentir sua textura, temperatura e até cheiro são práticas permanentes da oficina para que seja possível também pensar para além da mercadoria e reconhecer a singularidade de cada ser, de cada composto natural, de cada elemento identificável no meio ambiente.

Por isso, segundo **Ideias para adiar o fim do mundo**, é necessário assumirmos uma presença anticolonial, para que seja possível negar os modos de vida aprendidos com os europeus colonizadores, redescobrimos outras maneiras de estar no mundo, a fim de interagir e respeitar a natureza, afinal, para desaprender, é necessário aprender outras visões de mundo, pautadas na diversidade e no bem viver. Questionar a nós mesmos como seria uma vida sem a natureza é imaginar que nem sempre a teremos a nosso dispor, como se fosse uma fonte renovável e que não requer cuidados. Os estudantes foram provocados, diversas vezes, a se pensarem e até a se reconhecerem em contextos de desequilíbrio ambiental, bem como a pensarem em estratégias de restabelecer tais contextos. Pensar no desmatamento e no replantio, por exemplo, vivenciando a experiência de plantar e aguardar o tempo da colheita são ações que projetam outras possibilidades de existir.

No livro **A terra dá, a terra quer**, de Antônio Bispo dos Santos, a relação entre os seres humanos e a natureza é tecida a partir da relação que os povos tradicionais mantinham com o que hoje nós nos habituamos a chamar de “recursos”. Bispo propõe o conceito de "tecnologia do encantamento", por meio do qual o saber ancestral, o cuidado com a natureza e o bem viver se afirmam a contracolonialidade, a qual, segundo o filósofo quilombola, requer uma retomada de valores coletivos, pautados em uma cosmovisão que se contrapõe à exploração consumista do planeta. Bispo questiona a concepção da Terra como um recurso a ser explorado, uma vez que, fazendo reverberar Krenak, ela é um ente vivo, com quem devemos compartilhar, ter respeito e gerar modos de reciprocidade.

Por isso, a oficina de meio ambiente é um terreno fértil para semear uma consciência ambiental crítica, inspirada nos ensinamentos de quem vive em harmonia com a natureza: “Quando outra vida que tenta existir na cidade é destruída. Se existe, é graça à força do orgânico, não porque os humanos queiram.” (Bispo, 2024, p.18).



METODOLOGIA

A escola atende 279 alunos e demonstra um forte compromisso com a inclusão, mantendo um quadro completo de funcionários e uma equipe de Profissionais de Apoio Escolar Inclusivo (PAEI) com a proporção de um profissional para cada dois alunos. A partir das 11h30, a jornada ampliada se inicia.

Fui contratada para atuar neste projeto de Educação Integral, sob o regime da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), com um contrato mediado por uma empresa terceirizada. O processo seletivo foi conduzido por profissionais da própria escola, incluindo a Diretora, a Assistente de Direção, a Coordenadora Pedagógica e a Coordenadora do projeto de oficinas. Cada oficina tem a duração de 60 minutos, totalizando três aulas diárias para cada turma. As oficinas se desenvolvem diariamente e com horários definidos, de modo que os estudantes e familiares sabem como será o dia na escola. Paralelamente às oficinas, como educadora, eu acompanho uma sala de referência (2º ano), focando em atividades essenciais como a alimentação, higiene bucal e práticas lúdicas. Essa supervisão qualificada garante que os alunos tenham um intervalo de descanso seguro e acolhedor, fortalecendo seu senso de pertencimento e bem-estar.

A Oficina de Meio Ambiente foca em iniciativas que impactam diretamente a comunidade escolar, incentivando a colaboração das famílias. Nosso objetivo é que os alunos se tornem protagonistas ativos. Dentre essas iniciativas, temos os seguintes subprojetos:

Composteira: é um espaço construído na terra onde depositamos diariamente os resíduos orgânicos coletados da cozinha em um balde específico. Em uma das três aulas disponíveis, dedico um tempo para esta atividade, ensinando aos alunos a importância da coleta seletiva e da destinação correta desses materiais.

Horta de chão e vertical : É o coração da escola, atraindo alunos, professores e funcionários. Para otimizar o pequeno espaço de terra, utilizamos os dois formatos, garantindo variedade e a possibilidade de experimentarmos diversos tipos de cultivo. Trabalhamos a germinação de duas formas: em sementeiras, onde os alunos acompanham de perto o processo, registrando a data e a hora do plantio (o que gera uma excelente interdisciplinaridade); e no plantio direto na terra.

Tampinhas de garrafas : Realizamos a coleta de diversos tipos de tampinhas plásticas, como as de garrafas PET, leite, frascos de remédios, detergentes, desinfetantes



e muitos outros produtos. Essa iniciativa sensibilizou os alunos, promovendo um olhar atento às questões de inclusão e acessibilidade.

Coleta de óleo: recolhemos o óleo da casa das famílias dos estudantes de modo permanente. Todas as quintas-feiras, no horário de saída, recolhemos os óleos trazidos. Como retorno, a empresa que retira o material paga à escola um valor simbólico de R\$ 100,00 por bombona, totalizando R\$ 500,00 até o momento, que são destinados à APM para melhorias na comunidade escolar.

O planejamento dessas atividades é definido no início do ano letivo e o cumprimento do plano de trabalho é acompanhado de perto pela Coordenadora do Projeto-Oficinas. Além disso, a Secretaria de Educação (Seduc) realiza supervisões semanais na escola para garantir a qualidade e a eficácia das atividades propostas. As ações são permanentemente avaliadas por nós e pelos alunos, que sempre comunicam o que sentem e pensam sobre cada etapa do processo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A oficina de meio ambiente se desenvolveu ao longo de todo o primeiro semestre e os resultados afirmaram as expectativas iniciais, mas também redirecionaram algumas ações no sentido da necessidade de mostrarem seu potencial para que transponham os muros da escola, alcançando as famílias, o bairro, a cidade. Cada um dos eixos do projeto promoveu o reconhecimento de que cada ação impacta outra ação, em um encadeamento de movimentos, dos quais nem sempre se consegue prever os resultados. Um exemplo, foi o reconhecimento de que, com a composteira, contribuímos para reduzir significativamente o volume de lixo enviado diariamente para o aterro sanitário.

A horta de chão e vertical em que os estudantes são os protagonistas absolutos, colocando a "mão no arado" para perceberem o processo de crescimento, estimula a paciência, o manejo da ansiedade e o pertencimento. A horta é um espaço de livre acesso, cuidado e protegido por todos, o que consolida a autonomia e o amor pela natureza. No momento, a ação gerou a plantação de rabanetes, abóbora de pescoço, alface, abacaxi, mastruz, tomate e girassol. Os cultivos colocaram os alunos para um lugar de conexão que eles não conheciam. Seus relatos demonstram a riqueza de repertório e o profundo conhecimento sobre a natureza que estão desenvolvendo.

A coleta de tampinhas, com mais de 10 mil unidades, contribuiu diretamente para a compra de cadeiras de rodas destinadas a crianças da comunidade. Mas foi, sem dúvida,



a coleta de óleo a maior conquista da oficina, pois, após anos sem uma coleta efetiva, batemos o recorde de 5 bombonas de 50 litros, totalizando 250 litros de óleo arrecadados desde o início de março.

O impacto nas casas é notório: as famílias se mobilizam, e a conscientização vai além, alcançando avós, tios e outros parentes. Os alunos, agora vigilantes, impedem que o óleo seja descartado pelo ralo. Essa atitude protege radicalmente nossos recursos hídricos (água, rios e mares), e, por estarmos em uma cidade litorânea, temos a obrigação de proteger nosso ecossistema marinho. A oficina faz a ponte dessa conscientização usando o lúdico para engajar os alunos nesta realidade de extrema importância global.

A percepção dos alunos sobre o impacto dessa redução é material para rodas de conversa e discussões importantes sobre o destino de tudo o que consumimos, nesse contexto, uma questão que surgiu com o desenvolvimento da oficina foi a de que como melhorar a discussão sobre o impacto das diversas ações para além das famílias envolvidas, uma vez que o projeto também abordou a importância dos 5 Rs da sustentabilidade, como reduzir e repensar. Outro aspecto que merece atenção é como conseguir comunicar os resultados de cada um dos eixos do projeto, a fim de que seja possível chegar em outros espaços.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito da escola integrada, percebe-se que as oficinas propostas por diversos educadores possuem amplo alcance. Os resultados colhidos da Oficina de Meio Ambiente mostram a importância das ações desenvolvidas - a composteira de buraco, a horta de chão e vertical, a coleta de tampinhas plásticas e a coleta de óleo -, pois impactam tanto o meio ambiente como a educação dos estudantes envolvidos (e, como assinalado acima, também a comunidade de modo mais amplo), criando teias para que as pessoas estabelecessem relações com a natureza de um modo mais harmônico. Os estudantes puderam refletir sobre como cada um dos eixos impactou - de modo mais ou menos direto - na sua própria qualidade de vida e de seus familiares.

A articulação proposta pelas oficinas entre os chamados "5 Rs" molda contextos para que os alunos sejam os protagonistas das propostas. Ao colocar a "mão na terra" e assumir a responsabilidade pela coleta de resíduos, os estudantes desenvolvem habilidades socioemocionais, pertencimento e autonomia, construindo um repertório rico sobre a natureza e a cidadania. A conexão explícita com as questões de inclusão e



acessibilidade (via coleta de tampinhas) e a mobilização de toda a família na coleta de óleo amplificam o alcance social da oficina.

Em suma, a Oficina de Meio Ambiente comprova que a pedagogia baseada na ação concreta e no lúdico é o caminho mais eficaz para forjar uma consciência ambiental ativa. O próximo passo é transformar essa rica prática em conhecimento formalizado, usando a pesquisa para referendar sua eficácia e garantir a expansão e a perenidade dessas valiosas conquistas.

A jornada da nossa oficina demonstrou um potencial transformador inestimável no ambiente escolar e na formação dos alunos. O espaço livre, permeado pelo verde e pela natureza, provou ser um catalisador de mudanças comportamentais, especialmente entre aqueles estudantes anteriormente classificados como "agitados".

O contato direto com a terra — desde a prática da compostagem com resíduos orgânicos da cozinha até o manuseio de ferramentas para o cultivo e os momentos lúdicos com a terra — devolveu aos alunos um protagonismo essencial diante do mundo natural. Observar os pássaros, contemplar o céu e as cores das borboletas reintroduziu a esperança e expandiu o horizonte dessas crianças, que trocam a visão do concreto e das ruas agitadas por um olhar que busca e se encanta com o verde e o cantarolar dos pássaros.

Com isso, a oficina reafirma seu compromisso de não apenas conquistar a atenção dos alunos, mas de formá-los como cidadãos mais conscientes e defensores ativos do meio ambiente. Acreditamos que essa conscientização se estenderá para além dos muros da escola, envolvendo as famílias na responsabilidade por um futuro com menos poluição, maior preservação dos recursos hídricos e uma consciência ambiental sólida. A natureza, em sua essência, está moldando indivíduos mais conscientes e preparados para serem os agentes de mudança de amanhã.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo: Ubu, 2024.



TAKUÁ, Cristine. Entre o sopro do Vento, as Abelhas nativas e a Tartaruga. Os caminhos da aprendizagem. KRENAK, Ailton; TAKUÁ, Cristine e outros. Selvagem Ciclo de Estudos. Disponível em: <https://selvagemciclo.org.br/diario-de-aprendizagens/> Acesso em: 09 out. 2025.

